

Sino Azul

Nº 6 — 1961



REVISTA
DOS
EMPREGADOS
DAS ORGANIZAÇÕES

ANO XXXIV Nº 6 — 1961

CAIXA POSTAL 450
RIO DE JANEIRO



REVISTA DOS
EMPREGADOS
DAS ORGANIZAÇÕES:

COMPANHIA TELEFÔNICA
BRASILEIRA

COMPANHIA TELEFÔNICA
DE MINAS GERAIS

COMPANHIA TELEFÔNICA
DO ESPÍRITO SANTO



NOSSA CAPA

Fany Rozental, colega da Contabilidade, no Estado da Guanabara, é uma das gentis modelos das nossas novas páginas de moda.

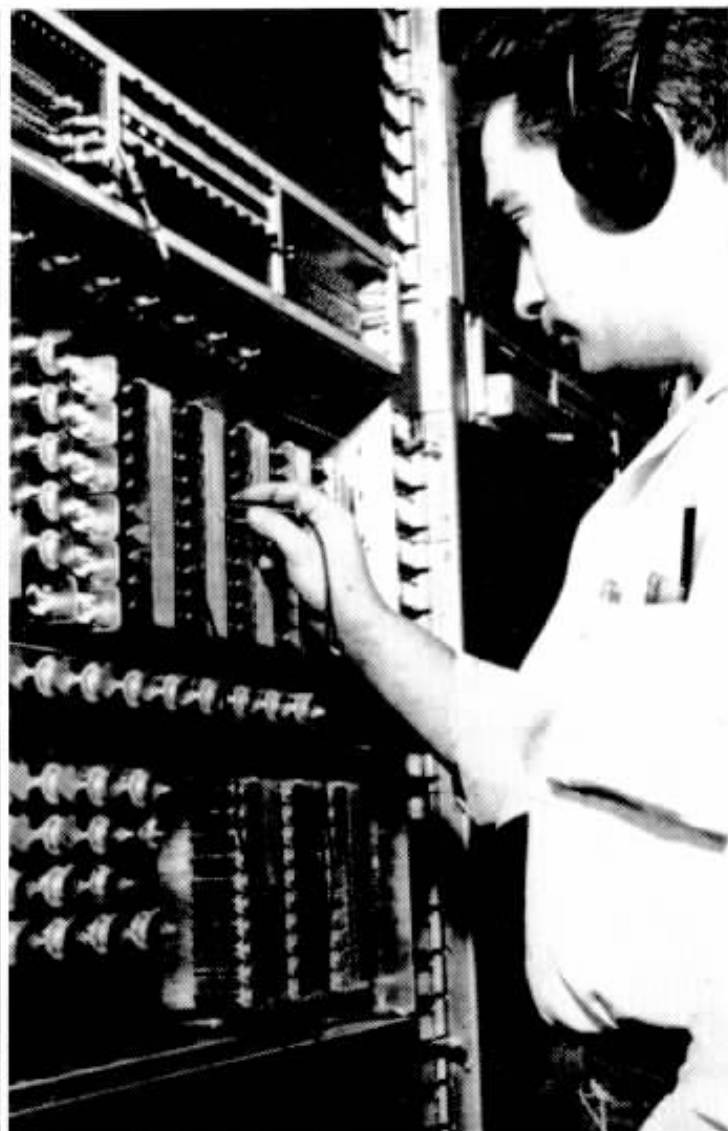


Na solenidade inaugural dos novos telefones automáticos de São João da Boa Vista, teve a oportunidade de fazer uso da palavra, José Portugal Gouvêa, diretor-superintendente Comercial da Divisão do In-

São João da Boa Vista

Cidade dos Crepúsculos Maravilhosos

**MAIS UM PROBLEMA RESOLVIDO PELO
AUTOFINANCIAMENTO**



terior do Estado de São Paulo. Ressaltou a importância do empreendimento para a vida daquela cidade. A rede foi dobrada em capacidade.

SÃO JOÃO DA BOA VISTA, encantadora cidade de São Paulo, na zona da Mogiana, acaba de resolver o seu problema de telefones, adotando, também, como tantas e tantas outras cidades brasileiras, o sistema de financiamento pelos próprios usuários.

As novas instalações automáticas, já inauguradas, atenderão aos reclamos dos municípios de São João que, desta forma, acompanharão o extraordinário progresso que hoje se verifica em tôdas as cidades do grande e próspero estado bandeirante.

A instalação e montagem do moderno equipamento automático foi executada pela Ericsson do Brasil e a rede externa construída por Lacaze & Pizão.

A Prefeitura Municipal de São João da Boa Vista firmou contrato com a Companhia Telefônica Brasileira, ficando a cargo da C. T. B., além do serviço interurbano, a administração e a operação do

Henrique Alberto da Silva, conservador, operando nos novos equipamentos da rede automática de telefones, recém-inaugurada em S. João da Boa Vista.

moderno serviço telefônico da progressista cidade.

O antigo sistema manual, ou sistema de magneto, comportava 555 assinantes. O sistema ora inaugurado, automático, como dissemos ao início, comporta, inicialmente, mil assinantes, já em pleno funcionamento.

É mais um marco no progresso magnífico da bela cidade que tem vinte e cinco mil habitantes na zona urbana e mais quinze mil na rural e que, pelo seu desenvolvimento, estava mesmo a reclamar esta marca registrada do progresso que é o serviço telefônico automático.

Cidade próxima a montanhas verdejantes, o que lhe empresta um cenário empolgante, proporcionando tal topografia um entardecer surpreendente e motivador do "slogan" orgulhosamente apregoado por todos os naturais de São João da Boa Vista — Cidade dos Crepúsculos



Cidade surpreendente pelo progresso, S. João tem piscinas monumentais como esta, em que as colegas Dayse Teixeira Alves e Sara Rocha Schilive, executam passes de bola, aprimorando o físico e recreando-se na paisagem admirável que é encanto permanente.

SÃO JOÃO DA BOA VISTA



Maravilhosos, tem motivos diversos — que não só os naturais — para transformar-se num verdadeiro centro de atrações.

O município que já ultrapassou o seu primeiro centenário, tem nas atividades agro-pecuárias a sua base econômica mais forte, ao lado de um movimento comercial florescente e de acentuada atividade industrial. São ali produzidos, em larga escala, finos cafés de exportação, algodão,

★

Ao lado, a colega Lydia Cereja, mostra a Alzira Pires de Aguiar, telefonista-chefe, sugestivos bordados de suas horas de lazer. Aprovada!

arroz, batatas e cebolas, das melhores qualidades do Estado. No setor pecuário, São João ganha relevância na produção de carnes, leite e seus derivados. As indústrias contribuem com a produção de tecidos, instrumentos musicais, óleos etc.

As origens de São João apresentam pontos controversos que jamais serão perfeitamente esclarecidos, perdidos no tempo documentos que poderiam fazer luz a respeito.

Accepta-se como fato comprovado que as terras que formam hoje o município, pertenciam a Mogi-Mirim e



A Fazenda Destêrro, de propriedade do atual prefeito, Sr. José Rui de Lima Azevedo, é motivo de atração para as colegas Olga dos Reis e Lúcia Manocho.



Severiano Palomo Garesti, colega da Rêde, surpreendido no gozo de suas férias na Esportiva.

Cidade dos Crepúsculos Maravilhosos



A colega Maria de Lourdes Bodelon Braganholle, no seu lar, junto ao espôso e à bela filhinha.



O prefeito J. Rui de Lima Azevedo, mostra à telefonista Sidnei P. Rodrigues, atas antigas do município. A seu lado, Antonio G. de Oliveira, responsável comercial.

foram ocupadas por Antonio Manuel de Oliveira, o Antonio Machado, como era conhecido que, juntamente com seus cunhados Ignácio e Francisco, chegaram às margens do Jaguari, vindos de Itajubá, no ano de 1822 ou 1824.

Antonio Machado doou o terreno para patrimônio da futura povoação e, erguida a capela sob o patrocínio do Monsenhor João José Vieira Ramalho, este vinha de sua fazenda Pinheiros, a fim de celebrar missas aos domingos e officiar matrimônios e batizados. Padre Ramalho apaixonado pela terra, em breve para lá se mudou. Tipo de pioneiro, destemido, homem de opinião, lutou na Revolução de 1842. Da atividade do padre, restam na região os córregos do Quartel e do Polvarinho e a serra do Paiol, a atestar o espírito belicoso do sacerdote.

O nome da cidade deve-se também aos Machado. Eles chegaram à região em vésperas do São João e o nome do santo foi o que dedicaram ao pouso onde se instalaram. Boa Vista, explica-se pelas paisagens encantadoras do local.

Em 28 de fevereiro de 1838, o pequeno povoado foi elevado a freguesia e, em 24 março de 1859, a Lei Provincial nº 12, elevou a freguesia a Vila e em 1888, a 28 de fevereiro, S. João era feita cidade.

Servida por magníficas estradas que a ligam a diversas cidades, São João tem ótima estação rodoviária a ligá-la especialmente com São Paulo e a conhecida estância mineral de Poços de Caldas, em território mineiro, que lhe é vizinha. Os trilhos da Mogiana, são, porém, o escoamento natural da sua produção.

Contando com mil tele-

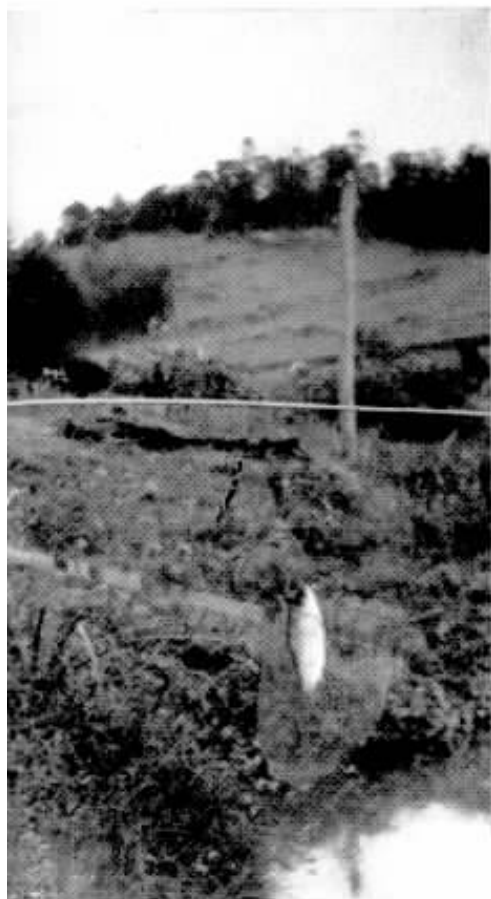
fonos automáticos, são completadas mensalmente em São João, vinte mil chamadas interurbanas. Colaboram nesse magnífico resultado, com d. Alzira Pires de Aguiar, telefonista-chefe, cerca de cinquenta telefonistas. A Rêde, entre guarda-fios e conservadores, conta com seis dedicados auxiliares. Antonio Gomes de Oliveira, com dedicação e competência, trata com operosos funcionários, do setor comercial, agora acrescido de novos encargos com a automatização do serviço, meses a mais na marcha de São João da Boa Vista, para o progresso.

Ao lado, João B. de Souza, ajudante de emendador, dá diversas explicações sobre pesca, às colegas Neusa Moraes de Oliveira e Irene B. Ferreira.



Acima, Ruth Cereja experimenta uma harmônica Sartorello enquanto Thereza Fonseca, examina outra, com o Sr. Franco D'Amore, da fábrica bastante conhecida. Ao lado, o lindo jardim principal da cidade, onde passeiam as colegas Maria H. Rubio e Odila de Andrade.





Sede de bispado, tem em Dom David Pião, o seu chefe espiritual. Ei-lo, relembando a sua sagração com a colega Thereza dos Santos e F. Teixeira, nosso representante.



A tecelagem Fiatece representa uma das maiores atividades industriais do município. Além da fábrica, há a loja de venda, onde as nossas colegas Maria de Lourdes Souza e Gilda Aparecida Bevenuto tiveram uma tarde cheia e bem feminina, vendo e revendo os produtos Fiatece que o Sr. Osvaldo Spletstoser, gerente geral da fábrica, lhes foi mostrando pacientemente.



Um instantâneo «extra» do espetáculo, em que aparecem Suely Peres, «a mulher do padeiros»; Gregório, «o auxiliar do Palhaço» e as «zararas» Jacquelin, Solange e Nair, figuras do belo triunfo do T.E.



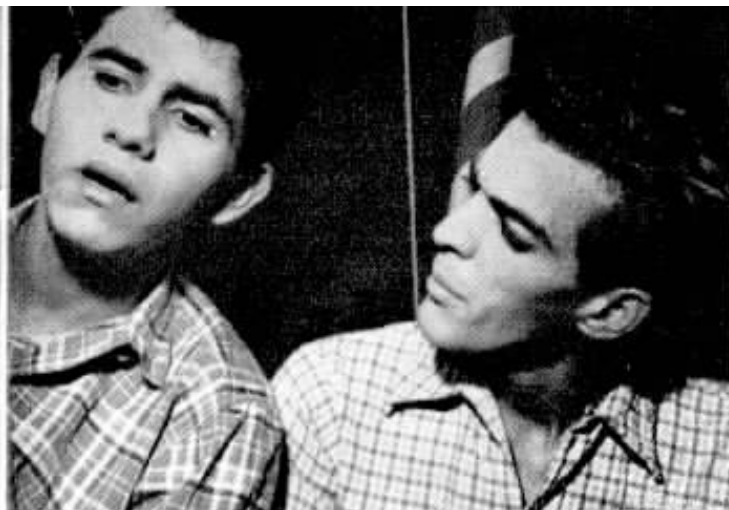
Nelson Pucci, foi o Cristo negro da excelente concepção de Suassuna. Além de ator, foi distinguido como cenarista, conquistando dois prêmios.

TEATRO DO TELEFÔNICA

FAZENDO de suas horas de lazer, o bom pretexto para muito estudo, ensaios constantes e a busca da perfeição artística, os colegas paulistas do Teatro de Ensaio do Telefônica Clube, vão acumulando vitórias marcantes, na sua trajetória como grupo atuante em ocasiões memoráveis.

Amadores, porém já consagrados, as moças e rapazes escolhidos por Carlos Alberto Aloise, o diretor do excelente conjunto, são bastante conhecidos da família telefônica, pois já deram espetáculos em várias cidades de São Paulo e na Guanabara.

Desta feita, a repercussão foi maior. Concorreram os jovens do Teatro de Ensaios ao IV Festival Estadual do Teatro Amador, sob o patrocínio da Comissão Estadual do Teatro e da Federação Paulista de Teatro Amador.



«Chicó» foi vivido por Ruy Lopes Pereira, o melhor coadjuvante masculino do Festival. Na foto, contracena com Carlos Campanille que deu vida no «João» de Suassuna.



Duas figuras que personificam o diabo, tal como o descreve o folclore nordestino: o «Encourado» foi representado por Waldir M. Souto e o «Demônio» por José W. L. Pereira.



Enio Finocchi, «o palhaço», peça importante no enredo, ouve as últimas instruções de Paulo Alberto Aloise, diretor do grupo, antes de entrar em cena. O «palhaço» é o apresentador do elenco.

REPRESENTOU SUASSUNA

A peça encenada foi a consagrada obra de Ariano Suassuna, "O Auto da Compadecida", representada no Teatro de Arte Israelita, superlotadas as suas dependências e atuando os seguintes elementos: Enio B. M. Finocchi, Carlos Campanille, Ruy Lopes Pereira, Waldemar Trumpanskas, Juarez S. Silva, Suely Perez, Nelson Figueira, José Soares, Rubens Roccia, Getúlio C. Teixeira, Gregório José Filho, Nelson Pucci, Mariazinha Sampaio, Waldir Mendonça Souto, José Wilson Lopes Pereira, Neide Arruda e Maria José Barros.

Dias após a apresentação da "Compadecida", a imprensa paulistana divulgava o resultado do aludido festival, destacando-se do noticiário, a outorga de medalhas a Ruy Pereira, como o melhor coadjuvante masculino e a Nelson Pucci, como o melhor cenarista, cabendo a este, ainda, o cobijado prêmio "Governador do Estado", também como cenarista, no valor de cinquenta mil cruzeiros.



Situações de extrema singeleza, são as que envolvem o «bispo» Rubens L. Roccia, o «padre» Waldemar Trumpanskas e o «frade» Getúlio C. Teixeira.

COISAS

que aconteceu...

COISAS

A EMPREGADA de um casal morador em Niterói, deixara grande e irresistível amor na Bahia. Morta de saudades, não pôde mais resistir e, às escondidas, pediu uma ligação interurbana para Salvador. Quando a conta da Telefônica chegou, no fim do mês, o



dono da casa quase morreu de susto: havia uma chamada para a capital baiana, no valor de 6 mil cruzeiros, correspondente à longa conversa, verdadeiro idílio telefônico. O caso foi parar no Juizado de Menores, após grandes confusões domésticas. E a baianinha apaixonada, como o "deputado" conterrâneo da marcha carnavalesca, deve ter dito: "Sou namorada baiana, o que eu quero é conversar..."

DESEJANDO oferecer um presente original para o aniversário de sua mãe que se encontrava em São Paulo, de onde jamais quisesse sair, um milionário do

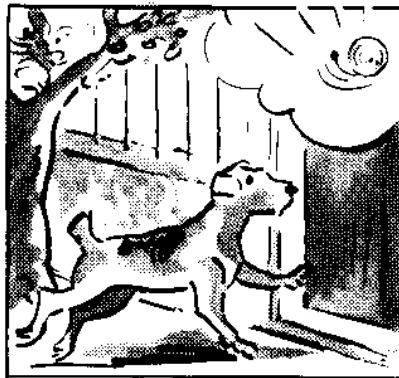
Amazonas comprou, por duzentos mil cruzeiros, um pássaro raríssimo da família "Mynah" e mandou-o para a mãe. O bicho fala-



va português, inglês e francês e ainda cantava algumas árias de ópera em puríssimo italiano. No dia do aniversário da mãe, o milionário conseguiu uma ligação telefônica e perguntou ansioso:

— "Então? O que achou do pássaro que lhe mandei, mamãe?"

— "Delicioso!". respondeu ela.



UM ASSINANTE chamou a telefonista quase à meia noite e pediu-lhe que lhe chamasse o próprio número. Diante da estranheza, explicou:

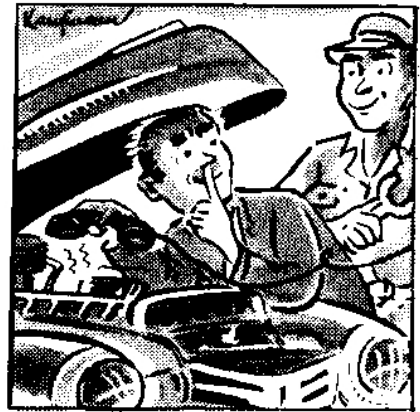
— "O meu cachorrinho está na rua e não quer voltar quando o chamo. Mas

há uma coisa que o faz voltar sempre; ele volta correndo para casa, quando ouve a campainha do telefone."

A telefonista deixou tocar o telefone dez vezes, antes que o assinante respondesse, acima do barulho dos "au-aus" do cachorro:

— "Muito obrigada, telefonista! Deu certo... Ele... já está em casa!"

O DIRETOR-PROPRIETÁRIO de um dos nossos maiores jornais, jura que não existe no mundo, um mecânico igual ao seu. Uma vez ia ele passando por



uma pequena localidade, quando o seu carro começou a falhar. O garagista do lugar não conseguiu descobrir o que era, e, então, o dono do jornal resolveu-se a fazer um telefonema interurbano ao seu mecânico de confiança, para pedir-lhe opinião.

— Patrão — disse a voz do outro lado do fio — ligue o motor e ponha o fone bem perto. Deixe-me ouvir.

Escutou durante alguns minutos, depois disse:

— Agora, por favor, deixe-me falar com o mecânico aí da garagem.

Em dez minutos, o dono do jornal estava na estrada, com todos os cilindros do motor funcionando.



José Fonseca, cobrador da C.T.B., cumpre a sua tarefa que, às vezes, é das mais agradáveis, como no caso em que a «cobrada» é a vedeta do teatro musicado, Mione Amorim.

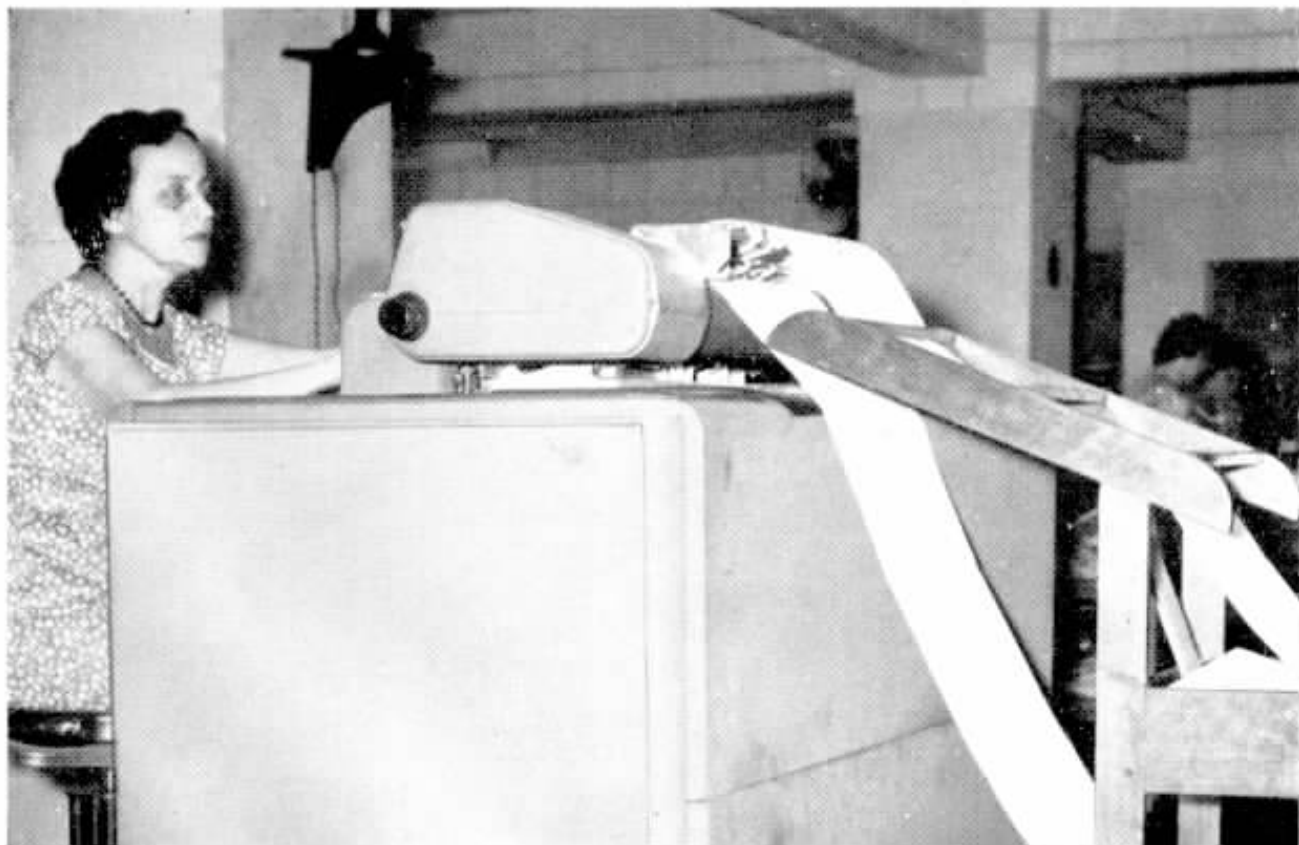
SUA CONTA, POR FAVOR!

QUEM vê um cobrador na rua, batendo de porta em porta, muitas vezes não é capaz de avaliar o trabalho que ele tem para desempenhar a sua exaustiva profissão.

Também a nossa Companhia tem os seus cobradores que, através de um departamento especializado, cumpre uma tarefa gigantesca, cobrindo, diariamente, as enormes extensões da cidade do Rio de Janeiro — o centro escolhido para a nossa reportagem que, no entretanto, poderia ser estendida igualmente a B. Horizonte e a outros centros populosos onde esses diligentes funcionários da C. T. B. quer chova ou

Saída, matinal, para mais um dia de intensa atividade na cobrança das contas da C.T.B.: mil e poucas vão na pasta.





Zélia Vilarinho de Araújo, tem a seu cargo, uma impressora tipo 420, da Contabilidade. Seu trabalho atento e eficiente, se traduzirá numa conta perfeita: o assinante nada tem a reclamar.



Ulysses Olegário Lins Caldas, na Seção de Cobranças, recebe as contas enviadas pela Contabilidade e seleciona-as por zonas, para remetê-las aos cobradores que farão o resto do serviço.



Levy Rodrigues, encarregado da Seção de Cobranças, dá a tarefa do dia ao nosso focalizado, José Fonseca.



Amaro Pecanha de Carvalho, opera a máquina especial utilizada para destacar as contas telefônicas. Eficiente.



Cobrança feita, rápida busca de um banco para depósito do dinheiro arrecadado. Um dia a mais na sua rotina.

faça sol, desempenham suas atividades de rotina.

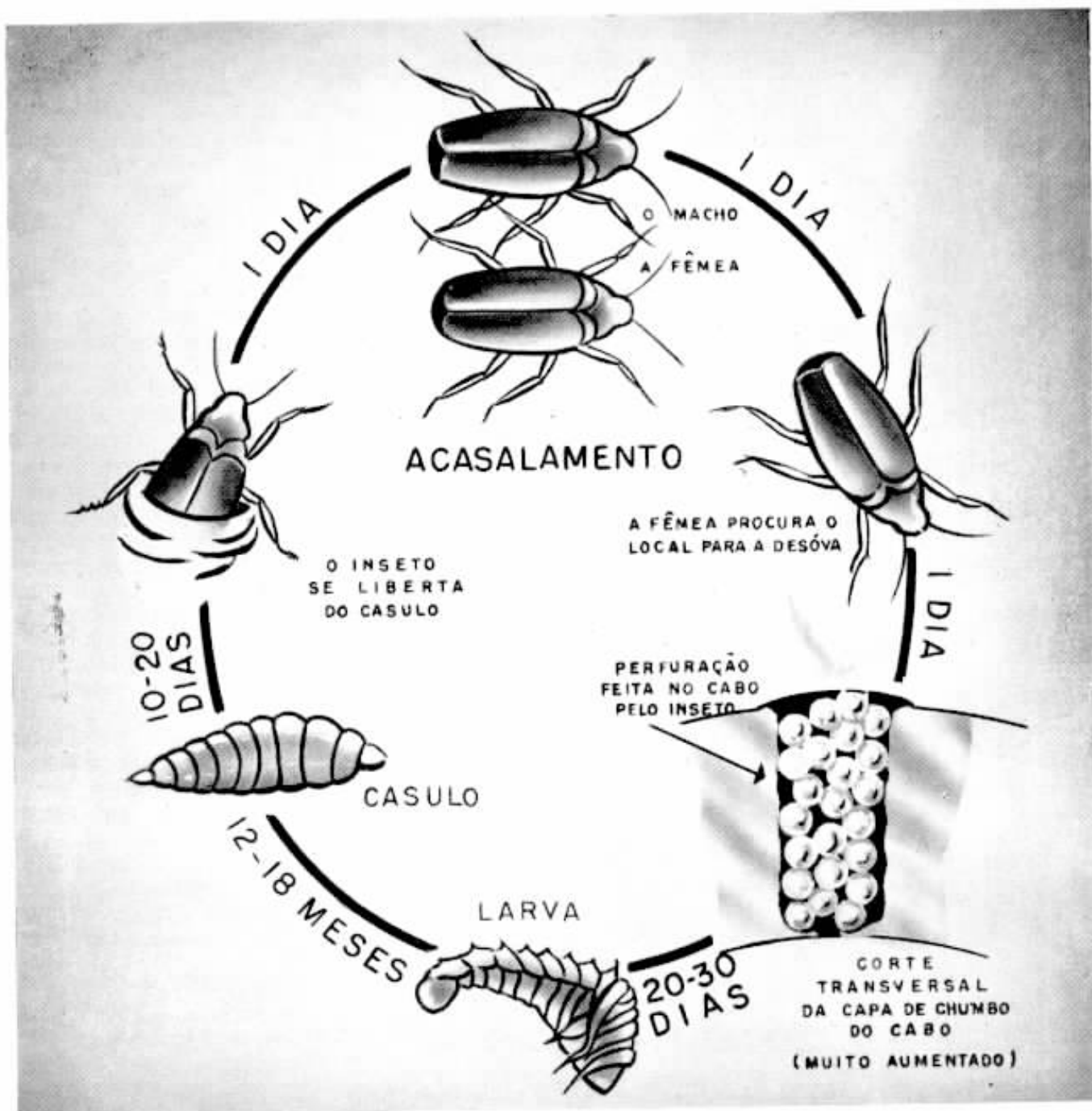
Quem vê esses nossos colegas, fazendo a cobrança das contas telefônicas, logo as primeiras horas da manhã, mal sabe que esses funcionários são alguns dos que mais cedo chegam ao serviço. Muitos até madrugam, pois são eles próprios que catalogam as contas que irão cobrar, dividindo-as por zonas, ruas e números de casas.

Embora à primeira vista a coisa pareça fácil, a verdade é que a distribuição desse serviço e mesmo a cobrança, requer do cobrador uma boa dose de experiência, somada a outros requisitos essenciais.

A maioria desses nossos colegas, faz, diariamente, a cobrança de seiscentas a mil e poucas contas telefônicas, sendo o dinheiro arrecadado no serviço, depositado em vários bancos da cidade, o que facilita ao homem da cobrança, não ter de caminhar até a Telefônica para a devida prestação da importância total recebida dos assistentes.

Um cobrador é um representante da Companhia, onde quer que se apresente. Deve estar apto a responder às perguntas que os assinantes lhe fazem e dar aos mesmos, a satisfatória resposta de que tudo vai bem. E que tudo vai bem, é a impressão imediata de seu departamento, o departamento das cobranças.

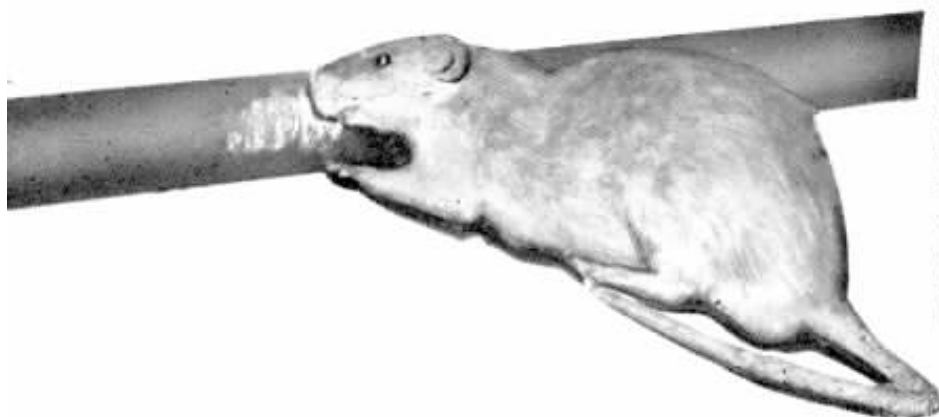
Da contabilidade, com o registro das importâncias, à separação das contas, e à remessa aos diferentes setores da Cobrança, até a entrega e recebimento dos assinantes, uma seqüência enorme, mas de que os cobradores, elementos dos mais úteis da Companhia, fazem uma rotina acertada e fácil... para eles.



Ciclo evolutivo do minúsculo «Bostrychus sp». O inseto procura os cabos telefônicos, perfura-os, e faz ali a sua morada. São meses de lento evoluir, para desespero da Manutenção.

CAUSAS DE DEFEITOS EM CABOS

Os ratos atacam os cabos, geralmente, dentro de tubulações ou nas caixas de distribuição interna. Pitêu gostoso ou busca de água?



MUITO se tem escrito sôbre a complexidade do equipamento telefônico. Para um leigo, para o assinante comum, quando um telefone deixa de dar sinal, quando as linhas se cruzam, ou ocorre qualquer dificuldade para a realização das chamadas que pretende, a definição salta logo: "É, o aparelho está com defeito!" Mas qual será, afinal, esse defeito? Ai só a Companhia, através de seus serviços técnicos, poderá responder.

Há diversas possibilidades para um defeito; freqüentemente, porém, as causas passam do casual ao propositado.

Vejam os um caso simples. É comum. Um garoto brinca despreocupadamente numa das ruas da cidade. Tem nas mãos irresponsáveis, uma tampa recortada de lata de doce. Atira-a para o alto, e zás!! Batendo de encontro ao cabo telefônico, corta-o. Vários telefones emudecem nessa hora.

"É, está com defeito!"

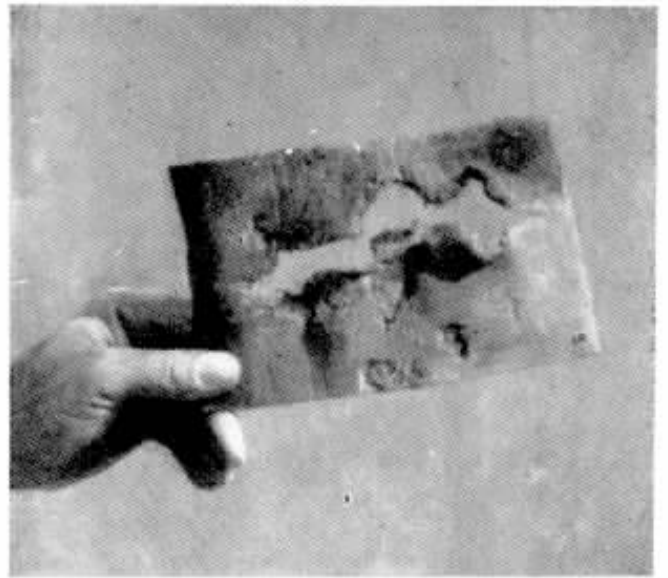
Sim, defeito, mas defeito totalmente imprevisível.

Que dizer por exemplo, das "artes" de um bichinho chamado "Bostrychus"? Pois ele é o responsável pelos minúsculos orifícios encontrados no encapamento dos cabos telefônicos. Para esse inseto, não há melhor "apartamento". Nos orifícios, semelhantes aos furos produzidos pela ponta de um alfinete, são depositados os ovos que, mais tarde, dão larva e se transformam no escaravelho, depois... de ter perturbado por completo as transmissões telefônicas, através dos cabos encerrados naquela seção.

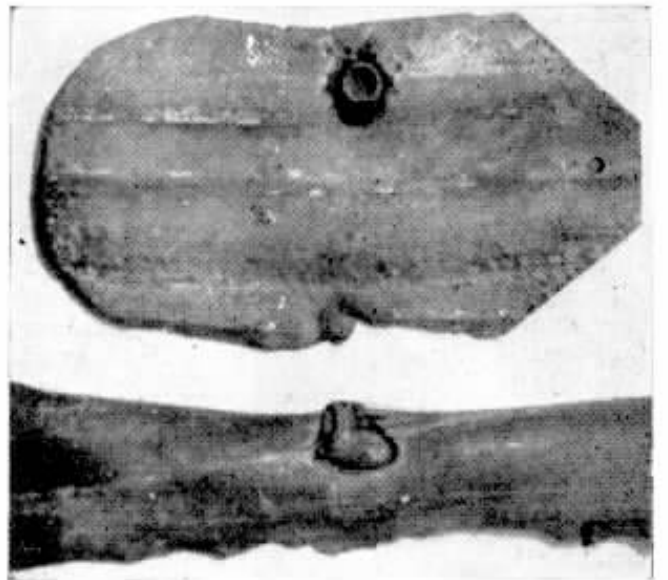
A simples pipa ou papagaio, brinquedo tão popular entre a garotada e dignificado por Franklin que, com a sua pandorga, descobriu a condutibilidade dos raios, pode causar defeitos também. Fios do sistema elétrico, alcançados pelos inocentes e, ao mesmo tempo tão perigosos brinquedos, vêm ao chão, provocando descargas que já ocasionaram, algumas vezes, a queima do encapamento de chumbo do cabo telefônico, deixando-o à mercê do tempo.

A ratazana, tão repelente, temida e odiada, tem a sua parte especial no capítulo dos defeitos de cabos. Seus afiados dentes atacam o encapamento dos cabos dentro da tubulação em entradas de prédios ou nas tubulações e caixas de distribuição internas. Que estranha figura andar no instinto do rato nesse instante? Que procura? Água? Terá o chumbo algum gosto especial para o seu paladar? O certo é que o rato tem sido o responsável por muitos e muitos minutos de silêncio de dezenas de telefones.

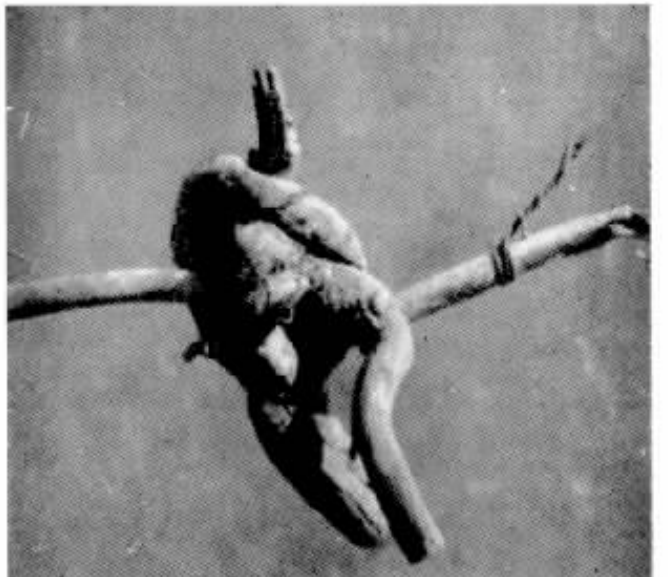
(Cont. na pág. 32)



Esta foto dá bem uma idéia dos efeitos da corrosão química ou eletrólise sobre a capa de chumbo dos cabos. Outro sério inimigo, este.



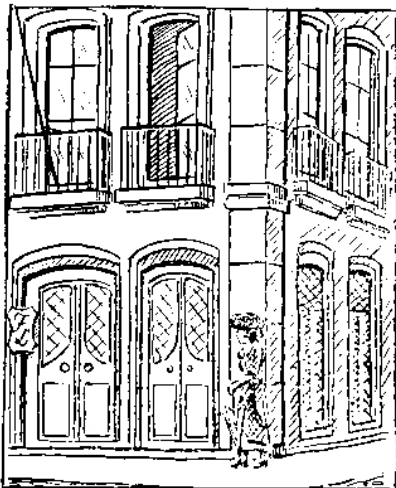
Balas de revólver, encravadas no chumbo de revestimento dos cabos. Fato responsável por sérias interrupções nas ligações. Abaixo, uma raiz de árvore que, caprichosamente, rompeu uma galeria de dutos, enlaçando o cabo.



O TELEFONE

Conto de Rachel de Queiroz

escrito especialmente para "Sino Azul"



TEVE festa, banquete, discurso e foguete, a inauguração da companhia telefônica na cidade de Aroeiras. Se bem que não fôsse grande a réde, e poucos os aparelhos instalados, — mais ou menos uma dúzia: os oficiais eram o da Delegacia, da estação do trem, da Câmara e da casa do Juiz; e entre os particulares haviam dois especialmente importantes, que uniam pelo fio elétrico o casarão do Major Francisco Leandro, chefe dos marretas, com o sobrado do coronel Benvindo Assunção, chefe rabelista, rico, com loja grande no mercado, de onde lhe vinha riqueza.

E tanto numa casa como na outra, a presença dos dois telefones, suscitando a

possibilidade de uma comunicação impossível, criava uma tensão perigosa.

Imagine-se que a umas duas gerações aquelas famílias não se falavam a não ser em hora de briga. Em perto de cinquenta anos, o mais que um Assunção ouvia de um Leandro era: "Se prepare pra morrer, cabra!" ou "Essa eleição foi roubada!" ou "Se é homem puxe a arma!" Também diziam outras coisas, dessas que os jornais chamam termos de baixo calão. Houve igualmente uma frase dita por um Leandro a um Assunção, e que ficou célebre: na famosa briga do adro da Matriz, quando Carlinho Leandro baleou de morte o moço Donato Assunção, a bela Sinhá Leandro, mulher de Carlinho, que saía da missa atrás do marido, ajoelhou-se junto ao moço moribundo e disse "Jesus seja contigo"; depois lhe cerrou os olhos. Aí Carlinho quis matar Sinhá no



sufragante, achando que aquêe Jesus seja contigo já era começo de adultério. Sinhá saiu pela praça, correndo e gritando, asilou-se em casa de um irmão, e dêsse caso nasceu uma briga subsidiária, que aliás não rendeu muito. Pois Sinhá, que estava grávida, morreu de mau sucesso e o irmão, pegou-o a febre amarela, numa viagem que fêz ao Rio de Janeiro.

Um Assunção, para um Leandro, era assim uma idéia proibida, imagem proibida, palavra proibida. Nas melhores fases de tréguas, quando um Assunção ia por uma calçada e avistava um Leandro, dobrava pela primeira esquina, ou, na falta de esquina, tomava ostensivamente a cal-



çada oposta. Ainda uns poucos meses atrás, passando pela rua do Carmo o Coronel Benvindo, montado no seu melado campolino (por nome Dois de Ouro), o filho de Chico Leandro chegando à calçada, o menos que pôde fazer foi cuspir no rastro dêle. Frente a frente só se encontravam em hora de luta, e até na igreja tinham seus bancos separados, um do lado do altar de São José, o outro no da Boa Morte.

Pois agora lá estava o telefone, como uma estrada franca, uma porta aberta, entre as duas casas. Com seu ar preto e sonso, pendurado na parede do corredor. Bastava alguém rodar a manivela, dizer à telefonista o número inimigo — o dos Leandro era 15-22, o dos Assunção 15-21, (pelo seguro o Vigário, presidente, da Telefônica, tirou os numeros na sorte, pra não haver preferências) — e logo, do lado proibido, alguém responderia. Calcule só! Ali, junto dos retratos da família, debaixo do quadro do Coração de Jesus, se poderia escutar a voz de um Leandro! Era uma tentação do inferno.

E nessas coisas meditava o Coronel Benvindo, balançando-se na sua rêde branca, armada no alpendre do sobrado, que dava para o jardim. Aspirava o cheiro das rosas abertas

depois da chuva, e olhava de viés para o bicho falante, tão quieto na sua caixa preta. Ora sim senhor, ter o Chico Vinte ao alcance da voz!! (O Chico-Vinte assim se chamava por ser o vigésimo filho do finado Carlinho Leandro, havido da segunda esposa, que lhe dera quatorze filhos, depois dos seis da desditosa Sinhá). Chico-Vinte, sendo embora o caçula, herdara do pai a chefia, por ser o mais disposto, o mais amante da família, o mais dedicado à política, o que se deixara ficar pelas Aroeiras, criando gado e destilando cachaça na sua fazenda da Trapoeiraba. A velha casa da família, na esquina da praça da Matriz, com dezoito portas de frente, — oito na praça e dez no oitão, era o seu pouso na cidade.

Sim, essas coisas pensava o coronel Benvindo, enquanto fazia a sésta. Pensava nelas, quando de repente o telefone tocou, como se respondesse àqueles pensamentos. Tocou, repetiu, bem alto e imperitante. A família tôda acorreu para ver o que seria, mas ninguém se atreveu a pegar no fone. Falar no telefone era falar em nome da casa, prerrogativa do chefe da família. E assim o coronel, quando achou que a campanha já tocara suficien-



te, levantou-se da rêde e atendeu. O padre lhe ensinara o que dizer.

— Alon! berrou o velho na sua voz fanhosa.

Do outro lado, uma fala irreconhecível, num falso-falsete disfarçado, gritou depois em resposta ao alon:

— E' você, Benvindão?

Assombrado com o desplante, o coronel nem soube o que responder. E então o falsete deu um riso e soltou a injúria suprema:

— Benvindão, vim te convidar! Hoje tem missa por alma da Pomba-rôla!

Pomba-rôla é o esqueleto de família da estirpe do Assunção. Não vê que são descendentes do anti-



go vigário colado de Sant'Ana das Dôres; mas o padre velho, em vez de fazer como os outros do seu tempo e escolher moça de família, como tantos que chegavam a trazer uma prima para casa, vestida de noiva, dando origem a uma família que podia não ser legal mas era de sangue bom; o padre velho, não, foi arranjar amizade com uma moça de ponta de rua, por alcunha a Pomba-rôla, a quem montou casa e deu estado. Verdade que depois de ama do vigário, mãe de sua prole numerosa, onde havia dois deutores e um alferes herói do Paraguai, Pomba-rôla assumiu o seu nome

legítimo de D. Dorotéia e se tornou matrona respeitável. Ademais, já estava morta há quase um século. Contudo, quando alguém queria insultar um Assunção, era só falar em pomba, em rôla, ou nas duas juntas. Também usavam arrulhar de longe, imitando a rolinha fogo-pagô. Quanto sangue correu nas ruas das Aroeiras por causa de pomba-rôla e de fogo-pagô, saberá S. Miguel Arcanjo que toma nota dessas coisas, não um de nós.

E pois o coronel, ao ouvir aquela palavra, soltou o fone da mão como se tivesse um bicho dentro; e o fone ficou balançando no fio, feito uma cobra que acabasse de morder. Mas durou pouco o assombro do velho. Porque com aquela rapidez de ação que lhe dera a chefia do seu clã, colocou o fone no gancho, meteu a mão na manivela e logo se pôs a berrar para a telefonista:

— Quem foi o excomulgado que falou agora prá minha casa?

Maria Mimosa, filha da professora, que fizera estágio em Fortaleza aprendendo pra telefonista, mostrou que estava bem treinada e respondia apenas com as fórmulas regulamentares:

— Faz favor? Número, faz favor?

O coronel, aplopético, gritou mais alto:

— Maria Mimosa, deixe de se fazer de bôba! Sou eu que estou falando! Me diga já quem foi o malcriado que ligou para cá!

Meio trêmula, mas ainda oficial, a voz da telefonista resistiu:

— Desculpe, coronel, mas o regulamento não permite se dar o nome dos assinantes que pedem uma ligação... Temos o segredo profissional...

— Maria Mimosa, se você não contar já esse se-

grêdo profissional, eu vou aí e rebento essa joça de tal jeito que nem depois



de cem anos haverá telefone nas Aroeiras!

Maria Mimosa gaguejou um pouco, e acabou confessando trêmulamente:

— A chamada partiu de 15-22...

— Casa de quem, com todos os diabos?

Mais trêmula, ainda, já em pranto, prevendo a gravidade da sua revelação, Maria Mimosa disse, por fim:

— É a residência do Major Francisco de Assis Leandro...

o o o

Devagarinho, com mão firme, o coronel repôs o fone no gancho. O encontro com Maria Mimosa lhe dera tempo para recuperar a sua famosa calma dos momentos de ação. Majestosamente saiu até à loja. Mandou espalhar uns recados. Aos poucos foram chegando os seus homens de confiança; dois cabras que mandara vir a tempos do Riacho do Sangue, Zé Vicente, seu caixeiro, e mais Amarílio, cabra roxo-guajeru que tinha fama de perverso e uma moda de reclamar que não gostava de pau-de-fogo, que não é arma de macho: com ele só no aço frio. Depois, veio do cercado no Juremal o cavalo Dois de Ouro. O coronel montou, acompanhado a cavalo pelo dito Zé Vicente e por

seu genro Pedrinho Queiroz, marido de Juvenília, a filha mais velha, meio feiosa mas que tocava piano e sabia verso em francês. Os demais seguiram a pé, cada um levando o seu rifle de papo amarelo na bandoleira; até Amarílio carregava o seu, não por gosto, dizia êle, mas pelo "regulamento".

Alcançando a praça da Matriz, a expedição parou, para tomar chegada. Já corraera a rua a notícia da saída do grupo encangaçado e já se apinhavam curiosos em cada esquina. O Delegado de polícia trançou os praças na cadeia, prudentemente (era do partido do coronel Benvindo) "para evitar arruaças".

Chegando defronte à porta da casa das dezoito janelas, o coronel sofreu o Dois de Ouro. Sem desmon-



tar, bateu palmas. Ninguém atendeu. Só se escutou, no lado do oitão, o fechar brusco de uma janela. O coronel então chegou mais perto e, com o cabo do chicote, martelou a porta, berrando:

— Ô de casa!

A mêdo, entreabriu-se uma rótula e apareceu na frincha o olho enviezado de uma cunhã, perguntando quem era.

— Quero falar com o dono da casa!

A cunhã abriu mais um dedo de janella:

— Major Chiquinho foi no sítio, só vem de noite!

— Pois que me apareça outro homem! Não haverá outro homem nessa casa? Quero ver um homem pra falar com êle!

Aí a porta da rua se escancarou nos dois batentes e surgiu a magra figura do Francisquinho, também chamado Vinte-e-um, porque além de ser o filho unico do Chico Vinte era viciado em baralho, justa-



mente no jôgo do vinte-e-um. Dizia-se que o Francisquinho era tísico. Magrelo, no seu dezoito anos, a mãe o queria padre, mas do seminário o expulsaram; porque, não se soube bem, mas contaram muita história mal contada. E no abrir da porta, também Francisquinho foi gritando:

-- Homem tem, e está aqui! Mas homem é que não estou vendo! Só vejo um baiacu velho em cima de um cavalo, e cinco perdigueiros lazentos!

Falou assim para distrair a atenção dos atacantes. E enquanto falava, puxou a mão que trazia às costas, e na mão vinha uma garrucha, que atirou no coronel quase à queimadura. A fortuna do velho foi que no momento em que o tiro veio, êle levantava a mão com o chico-

te: a carga de chumbo passou-lhe raspando entre a costela e o braço e foi pegar, bem na arca do peito, o infeliz Zé Vicente que estava atrás do coronel, e caiu emborcado por cima do cavalo. Ai Amarelilio se adiantou, com a faca nua na mão. Embolou com o meninote e rolaram os dois na calçada. O coronel apeou do melado e se meteu de casa adentro, sem olhar para trás nem tirar o chapéu. Subiu os três degraus do corredor quando se ouviu um alarido de mulher chorando, depois uma voz fina comandou:

— Parem com essa choradeira!

E D. Joaquininha, mulher de Chico Vinte, apareceu na porta da sala, perguntando muito calma:

-- Que é que o senhor quer na minha casa, Coronel Benvindo?

— Minha senhora, eu só quero punir um criminoso.

Dito isso, o coronel passou pela dona, entrou na sala, localizou o telefone, e o indicou para os dois cabras que lhe vinham na pisada:

— Arranquem êsse bicho daí.

E quando os homens puxaram a faca para cortar os fios, o velho recomendou:

-- Não. Arranquem. Quero com tripa e tudo.

Os cabras fizeram fôrça, a caixeta do telefone se largou dos pregos junto com pedaços de rebôco, e as entranhas da coisa faltante ficaram curiosamente à mostra.

-- Levem lá para a praça.

Puseram o telefone no meio do capim de burro, como se fôsse uma aranha caranguejeira. E aí o coronel mandou acender um fogo, com os paus arrancados à cerca velha de um terreno baldio. A chama

subiu -- Em cima do bicho! Em cima do bicho! recomendava o coronel. E o telefone ardeu muito tempo, com um cheiro ruim de celuloide e borracha queimados; por fim só ficaram os pedaços de ferro e louça dos isoladores, entre as cinzas.

O coronel se manteve imóvel e calado, assistindo, enquanto os seus cabras, de armas na mão, guardavam o fogo. Quando tudo acabou o velho correu os olhos pelo povo que espiava medroso, e então disse bem alto:

— Foi pra aprender a não dizer mácriação a homem.



Vinte-e-um não morreu, embora a fachada de Amarelilio lhe houvesse pegado os bofes. Morrinhou, murrinhou, acabou escapando, sempre magro e amarelo; mas como tôda a vida fôra havido por tísico, não fêz grande diferença. Quem morreu foi o pai, Chico Vinte. Veio-lhe uma paixão tão grande ao saber da desfeita que sofrera que lhe deu um ar. Entrevou-se, e com poucos meses era finado. Com o pai dos Leandro defunto, o filho fraco do peito, a guerra entre as duas famílias se amainou. Benvindão ficou chefe absoluto. Mas também teve uma coisa: nunca mais, em casa de Leandro ou de Assunção, na cidade de Aroeiras, se viu um telefone.



Fany apresenta conjunto em algodão listrado, com blusão bem larga de mangas raglan. Aberto nos dois lados.



Com Maria Adelaide, um vestido esportivo, mas sóbrio, em linho, com pequenos debruns pretos nos bolsos.

NA MODA DE VERÃO TUDO É BELEZA

○ VERAO se instalou e o guarda-roupa de cada uma de nós já apresenta um novo aspecto, com roupas leves e coloridas em primeiro plano, prontas para o trabalho, os passeios e a praia. E' nessa época que começam as preocupações com a variedade de modelos, sempre poucos para as necessidades e para se estar em dia com a elegância.

Para ajudá-las a enfrentar os meses de calor, procuramos "Chez Monique" e "La Donna" em busca de sugestões para trajes de praia e esporte. Nossa satisfação foi total, porque encontramos uma série de coisas maravilhosas, que nos apressamos a mostrar a vocês. Com a ajuda da Glória, Fany e Maria Adelaide

de transmitindo a última palavra em matéria de moda para verão, que vocês poderão aproveitar, naturalmente, com a certeza de serem depois admiradas e elogiadas pelo bom gosto e atualidade.

São modelos simples e fáceis; nem porisso menos femininos ou atraentes, com aquele arzinho que faz com que todos se voltem, reconhecendo o verdadeiro "charme". Para os maiôs, predominam os estampados de um só preço, em espuma de nylon. Mas a grande sensação, conforme vocês poderão ver pelas fotografias, são os conjuntos esportivos de "shorts" e calças compridas com blusões, que vão causar sensação na temporada. Ao lado





Listras pretas e vermelhas em tecido de fio de nylon, fazem este espetacular modelo, com faixa solta e bolsos.



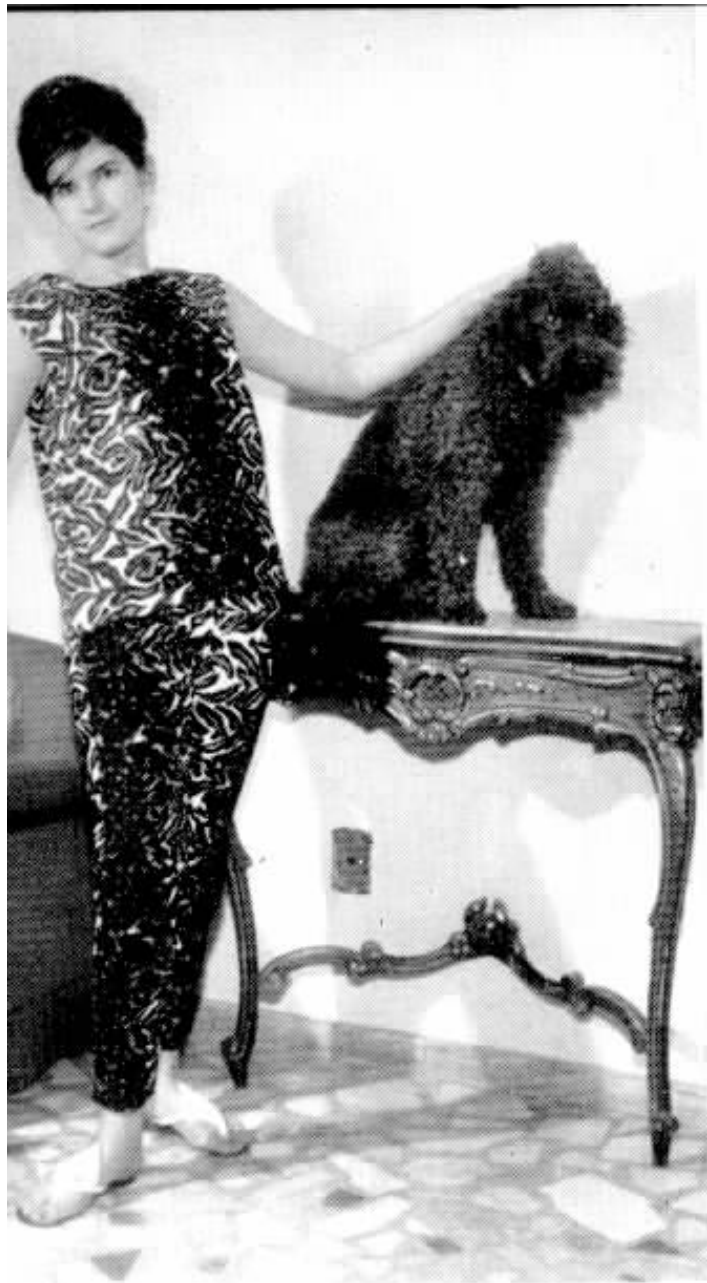
disso, apresentamos vestidinhos práticos para tôdas as horas.

Enfim, um mundo de coisas lindas para se ver, fazer e usar.

O rosa será usado em profusão, inclusive nas combinações "ton-sur-ton", dando à mulher leveza e um aspecto sempre juvenil. Também o verde limão e o azul suave estão na ordem do dia, numa supremacia contra os estampados, que vão funcionar para a tarde e muito pouco para a noite.

Em matéria de modelos, continuam bem usados os de cintura baixa, na linha "blousante" (blusa bem fôfa caindo sobre a cintura) e os inteiros, prêsos ao cinto e bem largos.

Calça e corpete, com bordado em todo o comprimento, dos lados; calça clássica com blusão listrado e, embaixo, maiô «grega» com saia quadriculada,

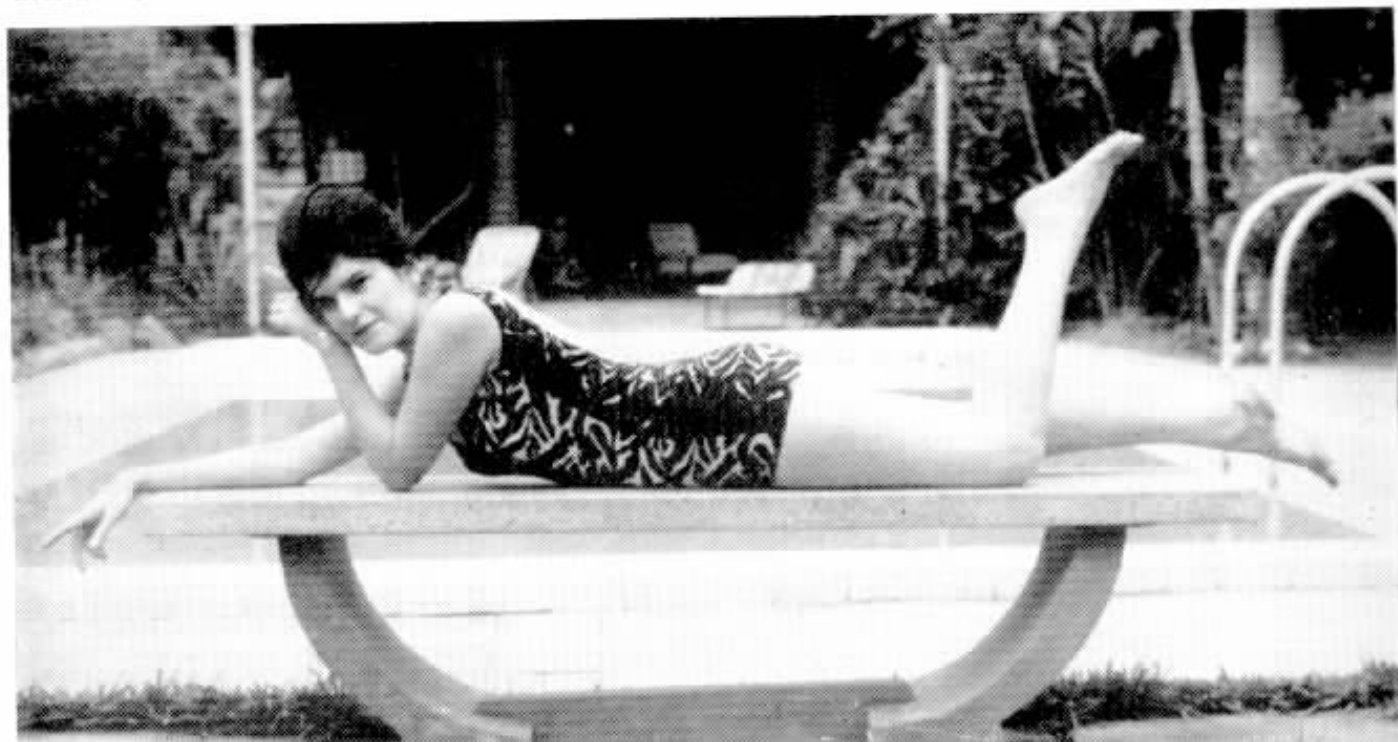


Glória veste um conjunto sofisticado, em tecido «cobra»: calças justas e blusão reto com mangas japonêsas. A fazenda já é o enfeite.



Este modelo de La Donna, é em tecido de fio de «nylon», em listras desiguais. Uma só peça, «bloussante», com faixa caindo em pontas. Muito lindo.

Glória veste ainda «cobra», maiô inteiro bem decotado nas costas e em V profundo na frente.





Elegantíssimo este «três peças» em bordado inglês: «Short», corpete e casaco de mangas compridas. Detalhe: parte da barriga descoberta.



Vestido de Chez Monique, enviezado, em fazenda de listras largas. Blusa um pouco fôfa, decote canoa. A bolsa de palha dá o toque final.

LISTRAS & TONS DE ROSA DOMINAM

EM matéria de decotes, a tendência é, ainda, a favor dos "canoa" ou redondos e pequenos, junto ao pescoço. Naturalmente, para a noite, podem ser mais ousados, principalmente nas costas. Mas já repararam como a esposa do Presidente Kennedy, considerada uma das mulheres mais elegantes do mundo, só usa estes dois, mesmo em roupas "soirée"?

Os conjuntos são sempre na mesma fazenda, em listras de todos os tipos e em cores vivas e alegres, assim como os maiôs, que apresentam desenhos grandes.

Os exemplos que Glória, Fany e Maria Adelaide nos apresentam, dão bem uma idéia de todos esses detalhes. E pelas fotografias podemos observar que o bom-gosto de Chez Monique e de La Donna é total, casando-se harmoniosamente com o encanto das três.

Chez Monique tem ainda uma variedade enorme de bolsas, saias, blusas e jóias maravilhosas. La Donna é uma nova linha de criações da fábrica Rose Marie Ried, especialista em maiôs de categoria internacional e agora aparecendo com conjuntos em fio helanca e em tecidos diferentes, à base do "nylon".

Para o próximo número, prometemos uma série de outras sugestões. Enquanto isso, estaremos ao inteiro dispor das nossas leitoras para explicações, bastando que escrevam para Sino Azul — Seção Feminina. Na medida do possível, procuraremos ajudá-las em seus problemas de elegância e nas pequenas dúvidas sobre este ou aquele detalhe. E escrevam, também, para uma conversa informal, dizendo se gostaram...



Em tons de rosa, verde e azul claro este modelo se destaca magnificamente. Saia justa com algumas pregas na cintura



Listras horizontais, gravata longa, no modelo vestido por Marisa.



Blusão moderno, fôfo e preso abaixo da cintura, com dois laços.



Maria de Lourdes num conjunto leve. Bolsos aplicados.



Estampado com listras verticais sobressaindo para este modelo, alças, machos abrindo na metade da saia e uma faixa em laço.

SIMPLICIDADE A NOTA DOMINANTE NA MODA DE 1961

MARISA e Maria de Lourdes posaram para estas criações de "Chez Monique", num estilo um pouco mais "toilette" e perfeitamente apropriadas para as saídas de domingo e sábado, cinemas e festas não de cerimônia. Em matéria de tecidos, o verão será pródigo nas várias qualidades de linho, que se prestam mesmo para conjuntos "duas peças" e saias "evasée". Além do linho, a "amorela" estampada ou em listras, e os algodões, que nunca saem de moda.

Como no verão passado, a simplicidade continua sendo a nota dominante na moda de 61. Alguns detalhes podem complementar o despojamento dos feitos: faixa na cintura terminando em pequeno

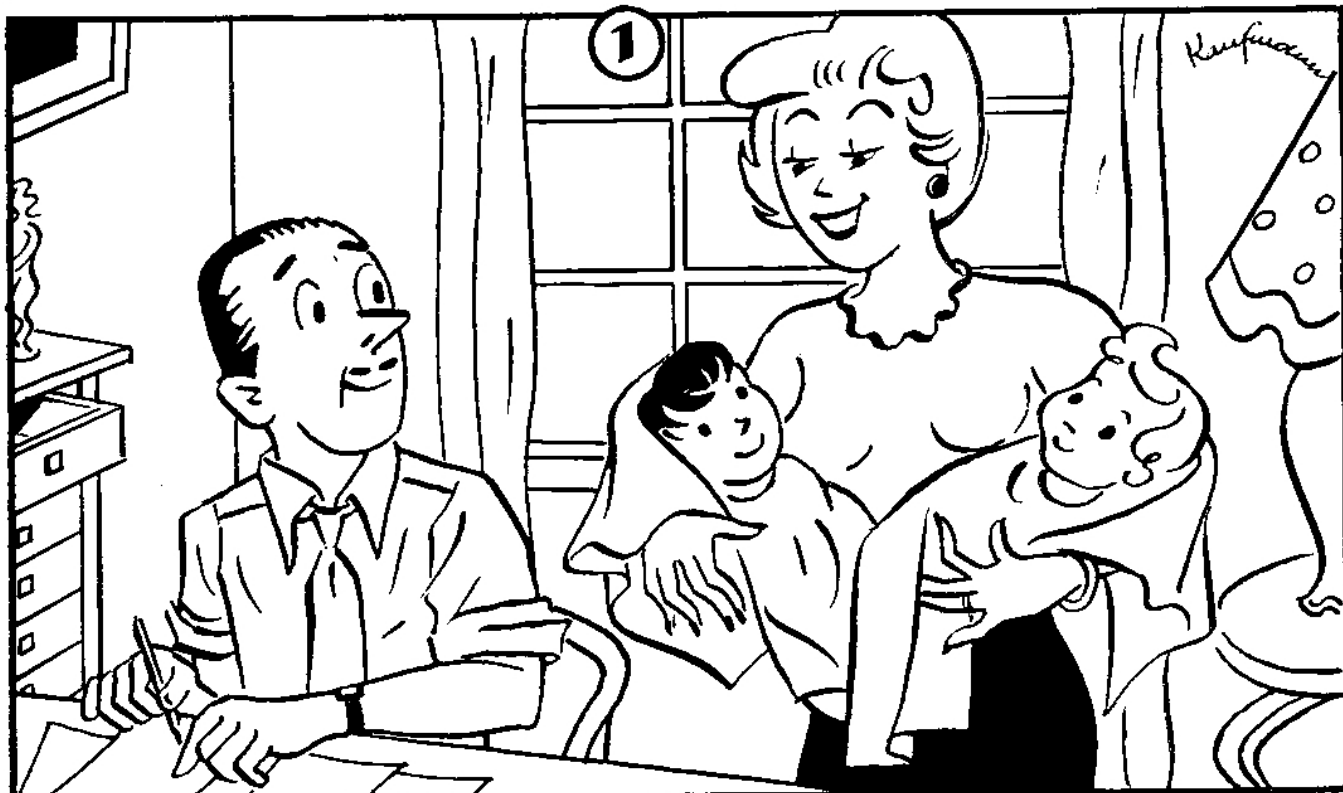
laço, decotes enviezados com gravata pendendo, tirinhas de rafia (que pode ser, também, sianinha ou galão). Mas, de maneira geral, tudo é muito simples e delicado, realçando a feminilidade da mulher.

A grande novidade nas saias são os machos fundos, fechados até pouco abaixo dos quadris; podem ser, também, machos duplos, dando mais roda apenas de parte inferior. Pelas fotos, vocês podem observar que os modelos usados por Marisa e Maria de Lourdes se enquadram dentro dessas regras, e elas estão definitivamente estabelecidas pelos "donos da moda". Experimentem também.

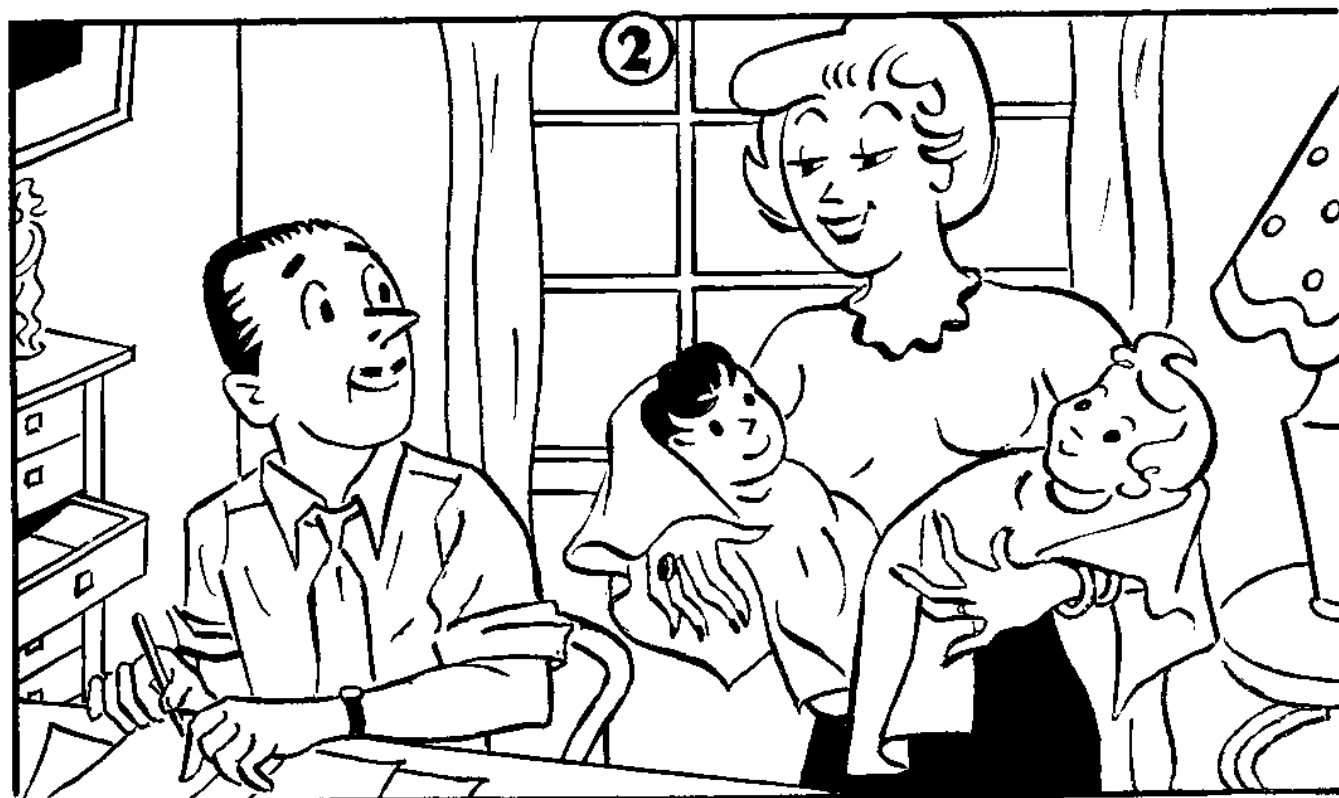
ENIGMA do ENGANOS



VEJA, CARO LEITOR, SE VOCÊ
CONSEGUE DESCOBRIR OS
9 ENGANOS COMPARANDO
O DESENHO ① COM O ②
(SOLUÇÃO NA ÚLTIMA CONTRACAPA)



- Já decidi o que eu quero como presente de Natal :
um telefone que eu fale sem ser preciso usar as mãos.





O doutor Francisco de Prestes Maia, Prefeito municipal de São Paulo, desatou a fita simbólica.

AMPLIADO EM SÃO PAULO O EQUIPAMENTO DA ESTAÇÃO «92»

Presente o Prefeito Prestes Maia

FOI inaugurada recentemente, a ampliação do equipamento da estação "92" que serve à capital paulistana e veio possibilitar o atendimento de mais seis mil pretendentes a telefones, residentes em São Paulo, nos bairros do Brás, Mooca, Belém, Belénzinho e adjacências.

A nova estação está localizada na rua Costa Valente, 239, no Brás, onde já funcionava a estação "93", cuja capacidade é também de dez mil assinantes.

Com a ampliação ora inaugurada a que esteve presente o Prefeito municipal da metrópole bandeirante, a estação completou a sua capacidade máxima de dez mil linhas.

O ato inaugural teve o comparecimento, além do prefeito, dos senhores Dr.

José Malheiros, Secretário de Obras em exercício; Engenheiro Antonio Le Voci, Diretor do Departamento de Serviços Municipais e Engenheiro Rubens F. Rodrigues, também daquele Departamento.

O Prefeito de São Paulo foi saudado na ocasião por Carlos Reis Filho, Superintendente Geral Adjunto, que ressaltou a importância do melhoramento, o qual vai servir a uma das mais populosas zonas de São Paulo, numa área altamente industrializada e, portanto, de enorme influência na economia da cidade em particular e do Estado em geral.

Figuras de importância na administração da C. T. B. também estiveram presentes à solenidade.



Na foto acima, a Rainha do TC paulistano, Eugenia Danyluck, aparece com as princesas eleitas. Da esquerda, Asterlina Brandão, Marlene Couto Gonçalves, Dirce Zaramello e Darcy Crepaldi.

BAILES DA PRIMAVERA NA GUANABARA E EM



NOSSOS colegas de São Paulo realizaram nos amplos salões do Clube Homs, da capital do Planalto, a sua tradicional festa e Baile da Primavera, ocasião em que tiveram a oportunidade de eleger e coroar a sua nova rainha e respectivas princesas, numa promoção sempre simpática do Telefônica bandeirante.

A escolha deste ano recaiu sobre Eugênia Danyluck, do Departamento do Pessoal. As princesas são as gentis colegas: Asterlina Brandão, do Departamento de Contabilidade; Marlene Couto Gonçalves, do Departamento do Pessoal; Dirce Zaramello, do Comercial e Darcy Crepaldi, da Contabilidade.

O presidente do Telefônica Clube, Dr. Nelson Perroud, presta as devidas homenagens a Eugenia Danyluck, bem indicada para Rainha do TC.



A nova Rainha do T.A.C. do Rio é Deir Leal, uma lourinha de sorriso encantador. Na foto, la-deiam-na, da esquerda, a princesa Lúcia Pereira, do Tráfego e Loise N. dos Reis, rainha de 1960.

SÃO PAULO: ELEIÇÃO DE SUAS RAINHAS

TAMBÉM no Rio foram animadíssimas as comemorações levadas a efeito pelo Telefônica Atlético Clube, no salão do Ginásio do CEMDECA, à rua José do Patrocínio, no Grajaú, para festejar a Primavera.

Ao ensejo, foi eleita a nova rainha. A escolhida foi Deir Leal, colega do Departamento Comercial, proclamada e coroada soberana na ocasião, ficando como princesa, Lúcia Pereira, do Tráfego.

Grande número de colegas esteve presente à festa, inclusive a rainha de 1960, senhorita Loise Nogueira dos Reis, da Contabilidade.

Uma boa promoção no Rio, e outra vitória em São Paulo, dos dois prestigiosos clubes.

A cobiçada coroa foi posta pelo presidente Ignácio Miranda, na loura cabeça da nova rainha, a bela Deir Leal, colega do Comercial do Rio.





Antonio Del Castilho Fernandes, veterano da Rêde de Campinas, ao receber o seu símbolo de 35 anos de bons serviços prestados à C.T.B., das mãos de J. P. Gouvêa.



Como sempre acontece, em meio ao entusiasmo geral, estas jovens, telefonistas de Campinas, ajudaram para o maior brilhantismo da reunião que levou ao Clube de Campo Mogiano, considerável número de pessoas, entre parentes e colegas.

VETERANOS DE CAMPINAS

NAS aprazíveis dependências do Clube de Campo Mogiano, em Mogi-Mirim, teve lugar, êste ano, a tradicional cerimônia da entrega dos emblemas, aos veteranos de Campinas.

Perante enorme assistência, setenta colegas receberam os seus emblemas por etapas de antiguidade atingidas na Companhia, na ocasião saudados por Haroldo Prestes Miramontes.

A mesa foi presidida por José Portugal Gouvêa, presentes, ainda, vários supervisores, além de outros colegas.

Um churrasco foi oferecido a todos e encerrada a festa com animado baile.



Alegre grupo presente aos festejos, no bucólico e encantador cenário do clube mogiense, legítimo orgulho da bela terra interiorana paulista.



Esther Bueno de Oliveira, veterana colega que há 35 anos serve com desvêlo a nossa Companhia, em Amparo, no interior do grande Estado bandeirante. O flagrante foi feito no justo momento em que recebia, de Nery Marques Fontes, mais uma distinção por tantos e tantos anos de profícua atividade que se traduziram em exemplos magníficos para os seus colegas.



Aracy de Campos Mariani, Telefonista Encarregada, pertencente ao Tráfego de Campinas, festejou os seus vinte anos de contínuo labor.



Outras duas colegas telefonistas que, entre risos e simpatia, ajudando com entusiasmo, muito contribuíram para o brilho da festa.



TRIBOBÓ

Recebeu os Veteranos Fluminenses

Após a cerimônia, houve um gostosíssimo churrasco e as nossas colegas de Campos não se fizeram de rogadas. Espêto na mão e bom apetite: satisfação.





B. J. P. Tancred, coloca à lapela de Paulino Borges, o símbolo correspondente: trinta e cinco anos de bons serviços.

COMO tradicionalmente acontece, mais uma vez os veteranos fluminenses foram alvo de gratas homenagens. Desta vez, a festa teve lugar no secular e aprazível Columbandé Country Club, em Tribobó, no Estado do Rio, à margem da rodovia Amaral Peixoto, dedicada aos

A esquerda, mais dois flagrantes colhidos no Country na hora agradável do churrasco. As colegas de cima, de «arma» em punho e apetite a postos. Os debaixo ainda estão na «fila»: inveja...



Após o distintivo, o beijo de Valdimécia em seu pai, Waldemar Gonçalves Dias, dois prêmios no feliz dia da comemoração dos operosos anos de atividade.

Sorridente, Luis Sirica recebe de B. J. P. Tancred, o sino de 35 anos de labor.

colegas veteranos do Distrito B-1, com grande comparecimento de assistentes, autoridades, chefes, colegas e seus familiares.

Após a solenidade de entrega dos emblemas comemorativos, pelos muitos anos de serviço dedicados à C.T.B., foi servido succulento churrasco, animado por alguns números musicais apresentados na ocasião. Um dia alegre, numa ocasião inesquecível.

Abaixo, Américo Rangel, de Campos, recebendo o afetuoso abraço de sua esposa. Há trinta anos na C. T. B.





A primeira diretoria da novel APESTERJ ficou assim constituída: presidente, José Martins Gonçalves; secretários, José Francisco Niebus e Carlos F. Manhães; tesoureiros, Elsa José dos Reis e Genebaldo F. Passos. São funcionários da C.T.B. de diversas cidades do Estado.

NOVA ASSOCIAÇÃO DE CLASSE — A APESTERJ

EM sessão solene e grandemente concorrida, levada a efeito em Niterói, foi concretizada antiga aspiração dos funcionários da C. T. B. que exercem atividade em território do Estado do Rio. A assembléia geral então reunida, fundou a APESTERJ, ou seja, a Associação Profissional dos Em-

pregados em Serviços Telefônicos no Estado do Rio de Janeiro, cujo plano de ação engloba obras de assistência, recreação, esporte e defesa profissional.

A primeira diretoria que tem como presidente José Martins Gonçalves, congrega elementos que exercem atividade em Niterói,

Campos, Barra Mansa, Petrópolis, Duque de Caxias e Rio de Janeiro.

A sessão solene estiveram presente funcionários, familiares e autoridades estaduais e trabalhistas, além de representantes do Sindicato dos Empregados em Serviços Telefônicos da Guanabara.

CAUSAS DE DEFEITOS EM CABOS — (conclusão)

Os cabos telefônicos aéreos, são outras vítimas freqüentes de pedradas, tiros de caçadores, raios, abalroamento dos postes por acidentes de trânsito, balões de festas juninas, incêndios e até das consequências da "malhação" dos "judas" da Alelúia...

Nada disso é do âmbito da Companhia, mas por isso também ela responde, obrigada a uma vigilância constante da sua rede.

Na verdade, também há defeitos técnicos, embora em escala infinitamente

menor. Uma simples emenda mal feita, um mau ajuste de cabos e as comunicações serão irregulares.

Na C.T.B., a responsabilidade pela manutenção da rede de cabos, está a cargo da Seção de Construções, do Departamento Geral da Rede. Com chuva ou com sol, turmas especializadas estão sempre nas ruas, munidas de aparelhos de alta precisão, como a "ponte de Wheatstone", um medidor de resistência de efeitos quase mágicos; amplificador de sinal, bo-

bina exploratória, aparelho de alta voltagem para reduzir a resistência ôhmica e outros petrechos técnicos que lhes permitem a reparação das causas provocadoras da interrupção dos serviços telefônicos.

Seja qual fôr o defeito, a Seção de Construções da C. T. B. está sempre alerta para consertá-lo, ciente da importância fundamental das comunicações telefônicas na vida da cidade e dentro do lema que é o estímulo para a nossa ação diária: procurando servir melhor.



I. J. Goulart, Superintendente Geral Comercial, com grande satisfação, apertou a mão de Emma O. Nascimento. Uma prestimosa colega que se aposenta agora.

MERECIDA APOSENTADORIA

EMMA de Oliveira Nascimento, após tantos e tantos anos de agradável convívio conosco, não vai ser mais encontrada diariamente, com seu espírito jovial e sua imensa capacidade de trabalho, no posto em que há tantos anos, vinha sendo um exemplo de atividade invulgar. Aposentou-se para o justo repouso, após dar o melhor de si mesmo à causa comum de todos nós, o trabalho quotidiano na C. T. B.

Emma de Oliveira Nascimento ingressou na Companhia de Carris, em 8 de março de 1928, como operadora. Em 13 de abril de 1931, foi transferida para a Telefônica como telefonista internacional. Em 1º de novembro de 1934, passou a tradutora. Em 1º de maio de 1949, foi promovida a Chefe de Seção, cargo que exerceu com muita dedicação e eficiência até sua aposentadoria.

Deixa grandes amizades e um belo exemplo.

SOLUÇÃO DO «ENIGMA DOS ENGANOS»



Mais largo o «passo-partout».



Outra gaveta está aberta.



Mudou a forma do relógio.



Falta o brinco na orelha.



Surgiu um anel no dedo, pulseiras.



No braço o dedo anelar ficou escondido.



Diferente a base do abajur.



A perna da mesa está modificada.



- Sim, é seu amor... mas, quem é mesmo que está no aparelho?

Sino Humor

através da imprensa mundial



- Delegado, acabo de capturar o Zé Escorregadio...



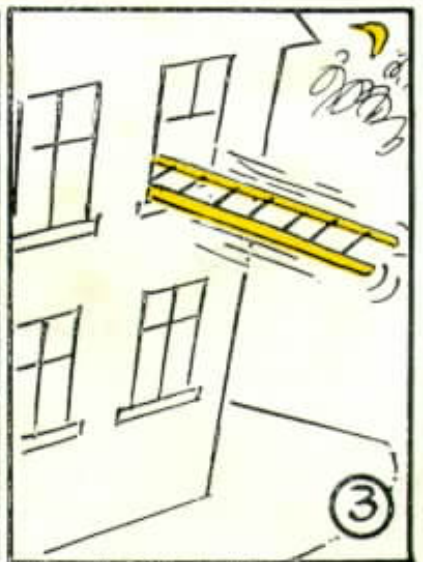
(No Consultório do psiquiatra)
- Agora, d^a Jurema, há quanto tempo a senhora se recusa a deixar a casa?



1



2



3